

## DISCURSO DA EDUCAÇÃO: SÁTIRA E RESISTÊNCIA EM PROGRAMA HUMORÍSTICO

Patrícia Nattes dos Santos<sup>1</sup>

Flávio Roberto Gomes Benites<sup>2</sup>

No século XXI, a televisão e a internet (o digital) são meios que interagem na constituição da relação social e de entretenimento e proporcionam um leque de interpretações, pois a linguagem utilizada na televisão e na internet não são transparentes, linearizam, por exemplo, a memória discursiva. Particularmente, para o desenvolvimento deste trabalho, partimos da inquietação sobre a circulação e formulação do discurso nesses meios e os efeitos de sentido que emergem pela sátira no programa de televisão, Zorra. Com o objetivo de analisar o discurso educacional brasileiro, tomamos como materialidade discursiva um vídeo/episódio que circulou na televisão e nas redes sociais, produzido e apresentado pelo programa humorístico Zorra, da Rede Globo de Televisão.

Para realizar a análise, pautamo-nos na Análise de Discurso materialista, que, por ser uma disciplina de entremeio, possibilita gestos de interpretações outros, ou seja, são várias leituras sobre esse dado, o vídeo como materialidade discursiva.

Com base nos estudos de Orlandi (2001), retomamos pontos relevantes para a compreensão do processo de produção dos sentidos. Concentramos nossos esforços nos motes que trouxemos para o debate: formulação, circulação e resistência na mídia.

Vamos trazer, inicialmente, uma reflexão de Silva (2011), com o argumento de que a mídia é um âmbito particular da produção de linguagem na qual ocorrem linguagem verbal e não-verbal. Ao passo que a internet e a televisão se inscrevem em nossa sociedade como “comunicação institucionalizada”, podemos observar, no campo midiático, discursos que dialogam/remetem a uma determinada sociedade, e, através desses discursos, uma movência na construção de sentidos.

Assim, as formulações e circulações dos discursos são transmitidos para um sujeito que acolha as informações de modo evidente, que pense a produção da linguagem como transparente.

Segundo Orlandi,

A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve apreender como sentido unívoco (literal) e o que admite plurivocidade interpretativa. Com a mídia há uma reorganização do trabalho intelectual e uma nova divisão do trabalho de leitura. (ORLANDI, 2007, p. 96)

---

<sup>1</sup>Mestranda em Linguística na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), e-mail pattyntattes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP), docente na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), e-mail frgbenites@unemat.br

Levando em conta a circulação dos sentidos, ressaltamos que há um controle dos enunciados como forma de dominação de determinados discursos e “práticas discursivas determinadas pelos meios de comunicação de massa” (GREGOLIN, 2003, p. 12).

Diante do que Orlandi (2007) elucida sobre o processo de produção do discurso, no que concerne à formulação, em nosso *corpus* de análise, temos a sátira como estratégia discursiva, e, nesse viés, consideramos que ela se apresenta como um modo de qualificar ou desqualificar, ou mesmo de resistir.

Segundo Stefaniczen (2015, p. 8), “o humor satírico pretende, muitas vezes, alcançar um resultado cômico pela aproximação da sátira com a realidade. Entretanto, a finalidade da sátira é política, social ou moral, pois inclina-se à sutileza, à ironia.”

Desse modo, o humor não é sintetizado a um único tipo de texto, ou discurso específico, ele é um efeito de sentido de uma dada formação discursiva. O humor desconstrói muitos sentidos predeterminados por meio de estratégias discursivas, como a ironia.

Ademais, sobre o movimento de resistência na mídia, podemos elencar que essa regularidade se dá de forma artística, ou seja, através da música, representação teatral, pintura, etc. Não devemos ficar na linearidade de um movimento de resistência apenas pelo ato de manifestar (rebelião) com agressões e armas. Mas utilizar das várias formas (discursos) de fazer sentido ou significar.

É por essas nuances discursivas que é importante dizer que “o discurso está sempre imbricado com os interesses, posições e lutas de classes”, podendo ser observado de modo sutil ou não, e ainda, a “ordem material e ideológica afetam e constituem sujeitos e sentidos nas práticas sócio históricas” (SOBRINHO, 2016, p.100)

Sendo assim, antes de mostrarmos alguns resultados da análise, necessitamos dizer que as condições de produção discursiva que possibilitaram nosso *corpus* estão nas manifestações de professores e alunos que foram às ruas no dia 25 de maio de 2019; o evento ocorreu em muitas cidades brasileiras, incluindo todas as capitais, bem como a capital do país. E, colaborando para essa materialidade, durante uma visita a Dallas, uma entrevista à imprensa do presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a manifestação da educação contra os cortes de verbas, bem como a repercussão em grande escala por todo o Brasil, resultando na paródia, enquanto reverberação parafrástica, transmitida pelo programa humorístico Zorra. Do vídeo em análise, selecionamos algumas sequências discursivas (SD), e destacamos alguns enunciados.

#### SD1

“\_\_ Atenção professores e alunos, vocês precisam deixar o ambiente imediatamente, se não **a gente vamos ter que fazer...**” (*grifo nosso*)

“\_\_ Tenente, desculpa! Gente, desculpa! É que eu sou professora de português, com todo respeito e **não existe a gente vamos, o correto é nós vamos ...**” (*grifo nosso*)

Nesse enunciado, a posição sujeito professora, ao dizer “não existe a gente vamos”, inscreve-se numa dada formação discursiva, ou seja, a língua normativa, mostrando o sentido de que os educadores

prezam o bom uso e a regularidade da língua em momentos que lhes são exigidos; no entanto, como sabemos, a língua em sociedade é mutável e transcende os mais variados espaços, criando o efeito de legitimidade.

Nessa perspectiva, a sátira produzida num jogo de saberes, no qual representantes da autoridade (Estado) são capturados por questões relacionadas à língua. O sujeito policial se inscreve numa formação discursiva autoritária, em que representa o poder do Estado; por sua vez, os enunciados nos dão indícios do modo pelo qual o movimento da resistência significa, que ocorre através do convencimento, ou seja, pelo saber.

Como podemos ver, o discurso midiático assume um modo peculiar de representar e reforçar o imaginário de um sujeito heroicizado e idealizado (sujeito detentor do poder e autoridade), perante todos, e que se desfaz pelo avesso de sentido provocado pela ironia. Nessa sequência discursiva, a forma de resistência pelo uso do discurso autoritário se dá pela sátira, reinstaurando, nesse discurso, o lugar de contradição, de modo que o sujeito espectador, afetado por esse humor sutil, possa afastar-se desse imaginário heroicizado e cristalizado pela própria mídia anteriormente.

#### SD2

“\_\_ Alunos e professores, se vocês não dispersarem, eu vou mandar o gás lacrimogênio.  
**Vai ser CO<sub>2</sub> na cara de geral, todo mundo.**” (*grifo nosso*)

“\_\_ Opa, opa, opa, me dê licença, eu sou professor de química e **CO<sub>2</sub> é gás carbônico e não gás lacrimogênio.**” (*grifo nosso*)

A sequência discursiva acima revela um jogo de relações parafrásticas ativado pela memória discursiva da população, remetendo à fala do presidente Bolsonaro sobre alunos e professores de Universidades, que, segundo ele, não sabiam a fórmula da água (H<sub>2</sub>O). Desse modo, o discurso irônico transcrito acima determina os efeitos de sentido que daí emergem, pois o “discurso irônico é tomado em redes de memória, dando lugar a filiações identificadoras” (Pêcheux, 2015, p. 53).

Dito de outro modo, vemos que o funcionamento parafrástico do discurso traz as marcas do humor, assim como também os efeitos do sentido irônico ressaltam a autoridade do saber através do discurso do saber científico, ao qual se filia o saber específico de cada professor. Assim, pressupõe-se a importância de cada área do conhecimento, e daí podemos depreender que a educação pode ser um movimento transformador, um lugar de resistência.

De acordo com Orlandi (2007, p. 128), “paródia, sátira, são formas de elaboração – de ressignificação – dessas identidades. São também lugares de visibilização dos processos de identificação sociais, políticos e históricos, ideologicamente constituídos”. Nesse caso, pode haver, então, identificação do sujeito-leitor a partir de uma condição peculiar e de seu contato, relacionado com um discurso autoritário ou científico.

Esse jogo constante criado pela mídia, através da identificação e/ou desidentificação do sujeito leitor/ouvinte, mediante as informações transmitidas, provoca nesses sujeitos posições distintas. Afinal,

nesse ambiente de estabilização dos sentidos em que todo discurso se repete, um possível distanciamento de uma ideologia sobreposta é resistir.

### SD3

“ \_\_ Esse negócio de educação é importante mesmo.

\_\_ Tanta coisa para cortar, foram mexer com educação.

\_\_ É, e eles sabem **mesmo** das coisas, **não é só balburdiador não.**” (grifo nosso)

As resistências também podem ser pensadas pelo deslizamento de sentido do termo balbúrdia; pela ressignificação desse termo, o enunciado não é isolado, pois faz-se a resistência tanto pelo ato de manifestar, quanto pelo ato de dizer, o que, ao final, promove a adesão dos policiais ao movimento (manifestação da educação), mostrando o funcionamento da sátira. Esse deslizamento de sentido do termo balbúrdia se dá pelo discurso que se inscreve num mesmo lugar, numa mesma formação discursiva. É no discurso da educação que o Ministro da Educação Abraham Weintraub, no dia 30 de abril de 2019, afirma cortar recursos de Universidades que estejam promovendo “balburdia” (manifestação).

Nesse sentido, na materialidade discursiva que estamos analisando, é possível notar o embate das posições subjetivas nas relações de poder, que está imbricado pela capacidade de domínio da língua normativa, em que o saber precisa estar acima de tudo, acima da ignorância e pelo saber é possível convencer. Assim, vemos o modo pelo qual o humor se manifesta atravessado por uma resistência. E é por meio de uma linguagem satirizada que se produzem risos em determinados momentos, a depender do sujeito e das condições de produção dos discursos, o que implica a formação dos sentidos, a ideologia e o imaginário destes sujeitos. Por meio do nosso olhar, entendemos que uma simples transmissão de programa humorístico vai além da condição de entretenimento; em outras palavras, podem significar gestos de resistência relacionados às suas condições de produção discursiva, mesmo que seja de modo sutil oportunizados pela ironia/sátira.

## REFERÊNCIAS

- DIAS, Cristiane. *A língua em sua materialidade digital*. In: III SEAD, 2007, Porto Alegre, Anais, Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>. Acesso em: 20/09/2019.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- ORLANDI, Eni.P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.
- ORLANDI, Eni.P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5 ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni.P. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni.P. Do fato para o acontecimento (da diferença à resistência). In: *Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história*. 2.ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 7.ed. Trad. E. P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2015.



SILVA, Telma Domingues da. Televisão e internet no Brasil: formulação e circulação das “mensagens” para o cidadão consumidor. In: DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

SOBRINHO, Helson. F. S. Michel Pêcheux e a crítica ao capitalismo: “É preciso ousar se revoltar”. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (Orgs). *A Análise do discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

STEFANICZEN, Josemara. *As condições de produção dos discursos: uma análise reflexiva nas charges do facebook*. Rev. Travessias. 2015; 10(2/24):236-252.